UM ESTUDO SOBRE A LEITURA ANALYTICA (1896), DE JOÃO KÖPKE¹

Neucinéia Rizzato RIBEIRO²

RESUMO

Com o objetivo de contribuir para a compreensão de um importante momento da história da alfabetização em nosso país e para o desenvolvimento de pesquisas correlatas, apresenta-se um estudo sobre a conferência *A leitura analytica*, proferida pelo educador João Köpke (1857-1926), em 1º de março de 1896, na Escola Normal de São Paulo. Mediante procedimentos de reunião, seleção e leitura de fontes documentais relativas à produção *de e sobre* João Köpke, elaborou-se um instrumento de pesquisa, a partir do qual optou-se pela análise da configuração textual da versão impressa da conferência. Sua análise permitiu compreender os princípios teóricos subjacentes ao modo de processar o método analítico para o ensino da leitura proposto por esse educador assim como sua relação com o regime republicano e constatar a significativa influência que exerceu sobre outros educadores de sua época e de décadas posteriores, no que se refere às propostas e práticas de alfabetização.

Palavras-chave: alfabetização; ensino da leitura; método analítico; João Köpke; pesquisa histórica em educação

INTRODUÇÃO

Com o objetivo de contribuir para a compreensão de um importante momento da história da alfabetização³ em nosso país assim como para o desenvolvimento de pesquisas de fundo histórico correlatas, foi elaborado inicialmente um instrumento de pesquisa, no qual foram reunidas e organizadas fontes documentais relativas à produção *de e sobre* o eminente educador João Köpke (1857-1926). Posteriormente, elegeu-se como *corpus* para análise a versão impressa da conferência *A leitura analytica*⁴, proferida pelo educador João Köpke em 1º de março de 1896, na Escola Normal de São Paulo, a convite do Instituto Pedagógico Paulista e na qual o autor expõe, pela primeira vez de modo sistemático, os princípios teóricos

¹ Artigo resultante de atividade como bolsista PIBIC/CNPq (1999-2001) e de Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia (2001), ambos orientados pela professora Dra. Maria do Rosário Longo Mortatti, e-mail: mrosario@marilia.unesp.br

² Graduada em Pedagogia, pela FFC-UNESP-Marília, em 2001 (neucineia@hotmail.com); membro do Grupo de Pesquisa “História do ensino de língua e literatura no Brasil” e da Equipe Executora do Projeto Integrado de Pesquisa “Ensino de língua e literatura no Brasil: repertório documental republicano” (Apoio CNPq e Auxílio FAPESP); Faculdade de Filosofia e Ciências - UNESP, CEP 17525-900, Marília, São Paulo - Brasil.

³ O termo “alfabetização” está sendo utilizado neste artigo no sentido que lhe confere Mortatti (2000), a saber: uma “prática cultural referente ao processo de ensino-aprendizagem da língua escrita na fase inicial de escolarização de crianças.”

subjacentes ao modo de processar o método analítico que defendia para o ensino inicial da leitura⁵.

Do ponto de vista metodológico, optou-se pela análise da configuração textual, ou seja, pela análise de todos os aspectos inter-relacionados que constituem o sentido de um texto e que permitem “[...] ao investigador reconhecê-lo e interrogá-lo como objeto singular e vigoroso e dele produzir uma leitura possível e autorizada, a partir de seus objetivos, necessidades e interesses.” (MORTATTI, 2000, p.31)

Tais aspectos referem-se: às opções temático-conteudísticas (o quê?) e estruturais-formais (como?), projetadas por um determinado sujeito (quem?) que se apresenta como autor de um discurso produzido de determinado ponto de vista e lugar social (de onde?) e momento histórico (quando?), movido por certas necessidades (por quê?) e propósitos (para quê?), visando a determinado efeito em determinado tipo de leitor (para quem?); e à circulação, utilização e repercussão logradas pelo projeto do autor, ao longo da trajetória da obra. (MAGNANI, 1997, p.61).

Os resultados da análise dos aspectos constitutivos da configuração textual da versão impressa da conferência, apresentados neste artigo, permitiram compreender os princípios subjacentes ao modo de processar o método analítico para o ensino da leitura proposto por João Köpke assim como sua relação com o regime republicano e constatar a significativa influência que exerceu sobre outros educadores de sua época e de décadas posteriores, no que se refere às propostas e práticas de alfabetização.

1. ASPECTOS DA VIDA E DA OBRA DE JOÃO KÖPKE⁶

1.1 Dados biográficos

João Köpke nasceu em Petrópolis-RJ, no dia 27 de novembro de 1852 e morreu, com 73 anos, na cidade do Rio de Janeiro, no dia 28 de julho de 1926. Era filho de D. Felisbella Candida de Vasconcellos e do bacharel em Direito, Henrique Köpke, o qual nasceu em 1802, na cidade do Porto, em Portugal, e por volta de 1848 veio para o Brasil,

⁴ Por se tratar de pesquisa de fundo histórico, ao longo deste artigo mantereí, sempre que possível, a ortografia de época e a forma original (incluindo grifos do autor) na citação de títulos de textos, de denominações de escolas assim como de termos, expressões e de trechos extraídos dos documentos consultados.

⁵ “Ensino da leitura” era a expressão utilizada por educadores brasileiros, nas décadas iniciais do século XX, em referência ao processo que, após essa época e até os dias atuais, designamos como “alfabetização”. (MORTATTI, 2000)

⁶ Para a redação de todo este tópico, baseei-me em informações contidas em: Moscoso (1926); Amoroso Lima (1973); Meneses (1984) e Mortatti (2000, 2001).

estabelecendo-se inicialmente em Sabará-MG e depois em Petrópolis-RJ. Nessa última cidade, Henrique Köpke e seu irmão, Guilherme Köpke, fundaram o Collegio de Petrópolis.

João Köpke fez os estudos primários no Collegio de Petrópolis, os secundários, na cidade do Rio de Janeiro e iniciou os estudos superiores na Faculdade de Direito de Recife, tendo-se posteriormente transferido para a Faculdade de Direito de São Paulo. Nessa capital, torna-se um republicano ativo, amigo de Francisco Rangel Pestana e Antonio da Silva Jardim, também republicanos históricos e defensores da causa da instrução pública e da instrução primária, entendidas como condição fundamental para a viabilização do regime republicano. No ano de 1874, ainda cursando o quarto ano de Direito, casou-se com D. Maria Isabel de Lima .

Em 1878, o bacharel João Köpke abandonou a magistratura e passou a se dedicar definitivamente ao magistério. Mudou-se para a cidade de Campinas-SP, em 1880, onde passou a lecionar no Collegio Culto á Sciencia e também no Collegio Florence⁷. Em janeiro de 1884, retornou à cidade de São Paulo, onde fundou, com Antonio da Silva Jardim, na rua Conceição, a Escola Primária Neutralidade.⁸ Em dezembro de 1886, tendo-se mudado para a cidade do Rio de Janeiro, fundou nessa cidade uma associação de docentes e o Instituto Henrique Köpke, “[...] assim denominado em homenagem a seu pai.” (MENESES, 1984, p.34)

Ao longo de aproximados 50 anos de vida profissional, João Köpke foi: diretor de colégio e professor de várias matérias — em especial as do ensino primário —; escreveu cartilhas e livros de leitura, artigos para revistas e jornais e peças de teatro; traduziu textos pedagógicos e histórias infantis; foi jornalista, polemista, crítico e conferencista. Sua atuação e sua produção como educador são marcadas pela inquietação renovadora e criadora, pela coerência de princípios, pelo envolvimento com a causa republicana, pelo pioneirismo na divulgação das então modernas idéias e práticas pedagógicas e pelo compromisso e especial atenção que dispensou à criança e ao ensino da leitura.

1.2 A produção de e sobre João Köpke

O compromisso e a especial atenção que esse educador dispensou à criança e ao ensino da leitura pôde ser constatada quando da elaboração do instrumento de pesquisa, no

⁷ O Collegio Florence foi fundado, em 1863, pela educadora alemã Carolina Krug Florence e era destinado à educação feminina. A respeito da atuação profissional de João Köpke nesse colégio, ver: Ribeiro (1996).

⁸ A Escola Neutralidade localizava-se na Rua da Conceição; era destinada a crianças e adolescentes de 7 a 18 anos, de ambos os sexos, e foi organizada segundo as exigências metodológicas do ensino intuitivo e concreto. A esse respeito, ver, especialmente, Hilsdorff (1986).

qual foram reunidas e organizadas 39 referências bibliográficas de textos escritos por João Köpke, entre 1874 (ano de publicação de sua primeira cartilha) e 1945 (ano de republicação de artigo de sua autoria), e classificadas de acordo com os seguintes formatos de texto: livros, artigos, resenhas, conferências, cartilhas, livros de leitura e artigos didáticos.⁹

Sua produção escrita inicia-se com a cartilha *Methodo racional e rapido para aprender a lêr sem solettrar* — dedicado á infancia e ao povo brasileiro, cuja 1ª edição, datada de 1874 foi publicada quando seu autor era quartanista de Direito. A cartilha destinava-se aos alunos da Escola Americana de São Paulo e, nela, o autor baseava-se no “[...] método da silabação, o qual abandonaria, em razão das vantagens do método analítico para o ensino da leitura.”¹⁰ (MORTATTI, 2000, p.113).

Em 1884, João Köpke escreveu o *Primeiro livro de leituras moraes e instructivas para uso das escolas primarias*, iniciando a publicação da Série Rangel Pestana, “composta por livros de leitura, relativos às seis partes do *Curso systematico da lingua materna*” (MORTATTI, 2001, p.6). Os livros dessa série foram publicados pela editora Francisco Alves (RJ) e tiveram sucessivas e numerosas edições, com revisões do autor¹¹, ao longo das décadas posteriores. Em 1890, publicou *O livro infantil: primeiras leituras* e, em 1900, *A grande patria*.

João Köpke escreveu, ainda, artigos em jornais, como *A Província de São Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *A Platéa* (SP), *Jornal do Commercio* (RJ) e em revistas pedagógicas paulistas, como *Eschola Publica*, *Revista do Brasil*, *Revista da Sociedade de Educação e Revista de Ensino*, e na *Revista Pedagógica*, órgão do Pedagogium, Rio de Janeiro. Dentre suas colaborações em jornais, destacam-se os artigos publicados, em 1896, no *Jornal do Commercio* (RJ), nos quais posicionava-se contrariamente à criação do Jardim da Infância anexo à Escola Normal de São Paulo. Dentre sua colaborações em revistas pedagógicas, têm-

⁹ Listagens completas e quadros descritivos dessas referências assim como das mencionadas no tópico seguinte encontram-se em Ribeiro (2001)

¹⁰ Os métodos para o ensino inicial e escolarizado da leitura e escrita, ou métodos de alfabetização, podem ser classificados em dois tipos básicos: método sintético, que segue o caminho das menores para as maiores unidades lingüísticas, ou seja, da “parte” para o “todo”; e método analítico, que segue o caminho inverso, ou seja, do “todo” para a “parte”. Dependendo do que se considere a “parte” — grafema, fonema, sílaba ou palavra— e o “todo” — palavra, sentença, conjunto de sentenças ou texto —, no interior de cada um desses dois tipos básicos de métodos encontram-se variados modos de processuação, o que obriga a considerá-los como métodos sintéticos e métodos analíticos, no plural. Nesse sentido, o método da silabação é um método de marcha sintética, que consiste em iniciar o ensino da leitura pelas sílabas para depois combiná-las em palavras.

se vários artigos sobre o ensino inicial da leitura pelo método analítico, o que confirma a grande repercussão desse método à época e o que fez de João Köpke “[...] um precursor em relação a esse ensino, envolvendo-o também em acirradas polêmicas com os professores paulistas.” (MORTATTI, 2001, p.7).

Segundo Mortatti (2000), as primeiras dessas polêmicas foram veiculadas na *Revista de Ensino* e relacionavam-se com discordâncias de professores e escritores didáticos paulistas em relação ao modo de processar o método analítico conforme exposto por João Köpke na conferência *A leitura analítica* (1896).

Após vinte anos da realização dessa conferência, João Köpke complementou-a com outra conferência intitulada *O ensino da leitura pelo methodo analytico*, “[...] proferida nas dependências do Jardim da Infância, anexo à Escola Normal da Praça da República, em 11 de maio de 1916” (MORTATTI, 2000, p.113), destinada a professores, com o objetivo de explicar e divulgar a *Cartilha n. 1* e a *Cartilha n. 2*, ambas de sua autoria.¹²

Até o ano de sua morte, continuou atuando em favor das crianças e do ensino primário. Apesar das acirradas polêmicas em que se envolveu, seu pensamento sobre o ensino da leitura pelo método analítico assim como sua atuação profissional exerceram significativa influência sobre educadores de sua época e das décadas posteriores, tornando-se forte referência para muitos deles, como se pode constatar, dentre vários outros: pela republicação, em 1945, na revista *Educação*, de “O ensino da leitura pelo método analítico” (Conferência realizada na Escola Normal da Praça da República, em 11 de maio de 1916); pelos diversos textos em sua homenagem produzidos por educadores (contemporâneos e pósteros) e por ex-alunos; e, mais recentemente, pelas referências e comentários sobre sua vida e obra contidas em livros, artigos, teses e dissertações de caráter acadêmico-científico, embora não se tenha localizado nenhum estudo de maior fôlego.¹³

¹¹ Após a morte do autor, os livros dessa série foram “revistos pela professora Lúcia Monteiro Casassanta e reunidos na conhecida Coleção João Köpke até os anos 60, com títulos como ‘Histórias de meninos na rua e na escola’, ‘Histórias que a mamãe contava’ e outros.” (MENESES, 1984, p. 34)

¹² No texto dessa conferência de 1916, João Köpke descreve e explica detalhadamente o conteúdo das cartilhas, mas, até o momento, não foi possível localizar exemplares de nenhuma delas. Com essa conferência, acirram-se as antigas polêmicas entre os paulistas e João Köpke, uma vez que o método analítico proposto por aqueles já havia sido institucionalizado nas escolas públicas do estado de São Paulo. A esse respeito, ver: Mortatti (2000).

¹³ No instrumento de pesquisa mencionado no início deste tópico, foram também reunidas e organizadas, até o momento, 32 referências bibliográficas de textos *sobre* João Köpke, escritos entre os anos de 1850 e 2001, classificados como se segue: artigos de homenagens em periódicos: 12; referências e/ou comentários em livros: 9, em artigos e entrevistas: 5, em teses, dissertações e similares: 4. Além dessas 32 referências, têm-se 15 referências, sem data precisa, sobre o Collegio Köpke e a família Köpke.

2. A CONFERÊNCIA

2.1 Estrutura do texto

O texto da conferência — que contém marcas características de um texto escrito para ser oralizado pelo autor na interação direta com o público — inicia-se na terceira página dessa versão impressa e inicia-se com cumprimentos e saudações do conferencista ao público presente — dentre os quais se encontrava Secretário do Interior — assim como agradecimentos ao Presidente do Instituto Pedagógico Paulista pelo convite e pela confiança nele depositada para prestar serviço à infância brasileira.

Em nome das crianças e em memória dos homens que se dedicaram aos “[...] duros labores d’um magistério [...]” (KÖPKE, 1896, p.3), Köpke solicita aos mestres exercitarem a reflexão sobre as questões árduas das aulas infantis e agradece a oportunidade de demonstrar o método analítico que propõe.

No texto, predomina o discurso em 1ª pessoa do singular, porém há discursos em 3ª pessoa¹⁴, visando a um diálogo interativo e dinâmico do conferencista com o público. No decorrer do texto, é bastante utilizado o itálico para destacar palavras que se referem a conceitos, nomes de pessoas, títulos de obras clássicas ou citações em língua estrangeira.

O método expositivo utilizado é o indutivo, ou seja, através das demonstrações práticas e de exemplos de leitura, Köpke vai induzindo o público a refletir e identificar a característica comum a esses exemplos e demonstrações práticas, para concluir com a formulação de conceitos. Esse método indutivo utilizado para a exposição dos princípios teóricos defendidos na conferência é o mesmo método que Köpke propõe e defende para o ensino da leitura¹⁵.

Daí resulta a justificativa utilizada pelo conferencista, a fim de propor o método analítico para o ensino da leitura e escrita, sustentada pela sua própria experiência profissional e pelas demonstrações práticas que induzem os participantes à reflexão e à formulação das regras gerais.

¹⁴ O discurso em 3ª pessoa encontra-se registrado entre parênteses — sugerindo tratar-se de texto taquigrafado —, relatando as ações, comportamentos e atitudes do público presente assim como de João Köpke, durante as atividades dinâmicas realizadas na conferência.

¹⁵ De acordo com Harris e Hodges (1999, p.184), o método indutivo consiste em examinar, primeiramente, exemplos específicos, para se identificar uma característica comum, e posteriormente esses exemplos são utilizados para se chegar a uma generalização. À época de João Köpke, no que se refere ao ensino de diferentes matérias escolares, o método indutivo recebeu várias denominações: “analítico”, porque vai do todo para as partes; “intuitivo”, porque parte da percepção dos fatos; “inventivo”, porque conduz a criança a aprender por seu próprio esforço, e “de decomposição”, porque separa as partes de um todo. (“Methodo de ensino”. *Revista de Ensino*, v.10, n.3, p.25-28, dez. 1911).

Antes de iniciar o assunto referente ao ensino da leitura, Köpke salienta a importância da conversa, do diálogo, da lembrança do passado e das interjeições durante a conferência, pois, somente assim, poderá corresponder à expectativa do público presente.

Introduz o tema da conferência com a questão citada abaixo, à qual objetiva responder, a partir das demonstrações práticas de leitura realizadas com crianças e com o público presente, das quais vai extraindo e apresentando os princípios do método analítico e do modo de processuação que defende.¹⁶

:

[...] conhecendo a figura das letras, a voz dos phonemas vos acode à memória ao mesmo tempo que a sua imagem graphica, e a synthese traduz em harmonia logica o som isolado de cada uma d'ellas, produzindo a imagem mental, de que a figura e o som são os expoentes. Estais, porem, bem, bem certos d'isso? (KÖPKE, 1896, p.5)

2. 2 As demonstrações práticas e os fundamentos

A primeira demonstração de leitura foi realizada com duas crianças presentes na platéia. A primeira leu, sem dificuldade, as “palavras que formam o conto, em ordem diversa d’aquella em que estava escripto, mas sem prejudicar o seu sentido da narração” (KÖPKE, 1896, p.5), palavras essas apontadas pelo conferencista. A segunda criança leu o alfabeto e o silabário, mas apresentou dificuldade em nomear as letras e as próprias sílabas. Em vista dessas demonstrações, Köpke afirma que para ler é importante conhecer as letras e seus respectivos sons, mas o que habilita a ler é a “consciência do grupo”, como ocorreu no caso da primeira criança.

Na segunda demonstração, realizada com uma senhora e um senhor presentes na platéia, Köpke solicita a leitura de um trecho de texto. O texto oferecido à senhora contém palavras conhecidas de seu vocabulário, e ela lê sem dificuldades. No texto oferecido ao senhor, as palavras estão escritas de trás para frente (ordem inversa), e ele soletra com muita hesitação.

Köpke explica que, na leitura realizada pelo senhor, embora permaneça o valor fônico de cada letra, a “consciência do grupo” desaparece, pois ele não conhece as palavras que pronuncia e, por essa razão, nenhuma imagem mental lhe é sugerida. Ao pronunciar letras

¹⁶ No texto da conferência, são citados: diversos estudos de teóricos brasileiros e estrangeiros como, Fröebel, Parker, Stanley, Sully, Preyer, Compayré, Carpenter, Pestalozzi, Jacotot, Callis, Miss Browne, Mister Davis, Issac Taylor, David Nusmith, Julio Ribeiro, João de Deus, Silva Jardim, Jorge Galvão, Cyridião Buarque, Caetano de Campos, Lilly Reeve, Zeferino Candido. Como não há referências bibliográficas ao final do texto da conferência, nem notas explicativas, tais citações necessitam de uma pesquisa mais aprofundada, a fim de melhor se compreenderem os princípios propostos por Köpke, o que foge aos objetivos deste artigo.

isoladas, ler palavras desconhecidas de seu vocabulário — “nubicogo” — e invertidas — “adaicnunorp”, que na ordem correta é “pronunciada” — esse senhor não invocará imagens conhecidas em sua mente, não se podendo considerar que leu, mas sim que soletrou ou pronunciou as letras e as palavras. Köpke então conclui que a leitura realizada pelo senhor é totalmente abstrata, ou seja, uma leitura presa somente aos elementos abstratos (letras e fonemas) e sem sentido; esse tipo de leitura é denominada por Köpke de “leitura mecânica”.

Com essas demonstrações, Köpke conclui que para que o leitor consiga realizar a leitura inteligente ou conscientemente, ou seja, para que se consiga ler o sentido, o todo¹⁷, que é a razão de ser da linguagem, e não a leitura mecânica, é preciso ter “consciência dos grupos”, ou seja, conhecer “[...] os grupos de letras n’uma ordem determinada, exprimindo idéias ou funções entendidas ou conhecidas.” (KÖPKE, 1896, p.7).

Assim, o que permite ao leitor realizar uma leitura inteligente é “[...] a *consciência do grupo de phonemas, a significação e relação dos vocábulos, entre si e o conhecimento da idéa, que exprimem.*” (KÖPKE, 1896, p.9). Portanto, se a

[...] consciência do grupo deriva da pratica do vocábulo, isto é, do hábito de ver o grupo, o vocábulo, porque razão, em vez de simplesmente dizer: “a idéa tal é representada por este vocábulo” e fazel-a apparecer até que a consciência d’ella coincida com a sua percepção visual, havendo de apresental-a por decomposição, isto é, tomar a synthese para exercer n’aquella pratica, se a synthese é um esforço, que cança e aborrece? (KÖPKE, 1896, p.9)

A partir dessa indagação, Köpke sugere a reflexão específica a respeito do método analítico, cujo processo apresenta primeiramente a palavra interligada ao seu significado, dando a consciência do todo, para a compreensão consciente das partes (letras, fonemas e sílabas).

Como, para ser compreendida, a leitura exige uma operação analítica da mente, Köpke propõe ao mestre iniciar o ensino da leitura e escrita com o conto, apresentando-se depois as palavras e, em seguida, as sílabas, letras e fonemas.

Ainda com o intuito de justificar o método analítico, Köpke compara o processo de aquisição do som com o processo de aquisição da leitura e escrita. Em relação ao primeiro processo, expõe a forma como o recém-nascido adquire a linguagem falada e ouvida,

¹⁷ Na conferência de 1916, Köpke esclarecerá que a visão do “todo” — que na fase inicial do ensino da leitura deve ser representado pelo conto — é que permite ler expressivamente, ou seja, relacionar todos os elementos do todo (conto) na expressão do sentido.

denominado por Köpke de “educação dos ouvidos”; no segundo processo, Köpke enfatiza a situação da criança recém-matriculada na escola, que, ao aprender a ler e escrever, já possui a linguagem falada e ouvida. O que essa criança ainda não possui é o hábito de ligar a idéia e o som (já conhecidos) com a forma gráfica (ainda não conhecida). Para que a criança consiga perceber que tal idéia, que já existe em sua mente, pode ser representada por uma forma gráfica, é preciso habituar seus olhos à percepção da escrita, ao que Köpke denomina de “nova forma da expressão”.

Köpke enfatiza, então, a “educação dos olhos”, ou seja, uma educação que valoriza a leitura, pois, quanto mais a criança ler, mais facilmente se realizará a leitura, porque recorda de palavras e reconhece um grande número de palavras.

Mediante a explicação do processo de aquisição do som e do processo de aquisição da leitura e escrita, Köpke afirma que o processo educativo que a criança seguiu para produzir todas as imagens mentais sugeridas pela palavra falada é o mesmo processo a ser percorrido para formar as imagens mentais sugeridas pela palavra escrita. A marcha para a “educação dos olhos” é a mesma marcha que a criança seguiu na “educação dos ouvidos”.

[...] a palavra escripta há de impressionar os nervos ópticos; essa impressão há de registrar-se no cérebro; a esse registro se prenderá a imagem, já estampada pelos outros sentidos; e a repetição d'esse relacionamento acabará por fazer coincidir a imagem, que evoca, com a voz que exprime. Ou, por outras palavras: 1º A criança vê a forma graphica ou o vocábulo escripto, sem que lhe accudam as imagens, que lhe correspondem, isto é, sem entender; 2º entende, conforme o que vê; e 3º lê e escreve, porque viu e entendeu, o que viu e entendeu. (KÖPKE, 1896, p.12)

[...] A analyse [...] foi ela que vos deu a *linguagem falada* [...] Ella é que vos dá também a *linguagem escripta* [...] O processo educativo da natureza é, sem duvida, o analytico. Da analyse para a syntese deve, pois ser a marcha do ensino da leitura e da escripta, porque o *concreto*, o *real*, para a criança é o *objecto*, que a voz ou a *forma* representa. Os elementos da *voz* ou da *forma* são abstrações. (KÖPKE, 1896, p.16)

2.3 O modo de processar o método analítico

A partir de dois contos, Köpke propõe, então, cinco passos ou exercícios para o ensino da leitura e escrita às crianças, por meio do método analítico. Os cinco passos da leitura são denominados por Köpke como “a primeira fase do ensino da leitura e escrita” e são organizados da seguinte forma: os três primeiros passos aplicam-se ao primeiro conto; ao segundo conto, aplicam-se esses três passos e acrescentam-se outros dois.

O conferencista escolhe o conto, isto é, a linguagem ou as palavras relacionadas que produzem idéias e formam um sentido, como meio preferencial de iniciar o ensino da

leitura e da escrita. E apresenta alguns cuidados que o professor deve ter quanto à escolha das palavras do conto e à organização do material didático, a saber:

- conhecer as fases particulares de seus alunos, a fim de adequar o conto à linguagem infantil e organizar o ensino e seus passos de modo tal, que desperte o interesse da criança;
- o próprio professor pode compor o material que utilizará para ensinar, pois, assim, estará adaptando seu ensino ao meio em que atua;
- no conto, deve eleger palavras conhecidas pelos alunos e atentar para a necessidade de que todas as letras do alfabeto tenham representação como iniciais dos vocábulos;
- nos exercícios, as palavras devem ser retiradas de um conto;
- deve partir, primeiramente, das “palavras concretas” ou reais — palavras que evocam imagens mentais, que tenham significado, como, por exemplo: “menino”; “passarinho”; “ovo” — para, posteriormente, passar para as “palavras relacionais” ou abstratas — que não formam imagem mental, não estão representadas na estampa (figura impressa), como, por exemplo: “a”; “um”; “este”;
- despertar, por meio dos exercícios, a indução no aluno, ou seja, o aluno será induzido à comparação e à semelhança entre forma fônica, já conhecida e depositária de sentido, e forma gráfica (instrumento de transmissão e aquisição de idéias) das idéias (desenho); e, posteriormente, levar o aluno a ver, na palavra, a sílaba e, na sílaba, as letras; assim, o professor revela para o aluno o que, para ele, não é perceptivo de imediato.

Köpke recomenda, ainda, que, ao apresentar o conto aos alunos, o professor considere as seguintes etapas: 1) apresentar o conto e sempre, primeiramente, lê-lo para os alunos; 2) apresentar a estampa (desenho); 3) conversar com os alunos, a fim de reorganizar a história; 4) guardar o esboço ou quadro e apresentar o texto; 5) ler e ao mesmo tempo apontar, com o auxílio de uma varinha, o que lê, para que os alunos ouçam e vejam; e 6) feito isso, passar ao reconhecimento individual de cada “palavra real”, primeiramente as retiradas do texto e, posteriormente, as “palavras relacionais”, através de exercícios.

Em relação à quinta etapa, Köpke explica que, nesse momento inicial da aprendizagem da leitura e escrita, o aluno entende o que o professor lê, mas não entende o que vê, porque, ao escutar, consegue formar uma imagem mental, porém, ao ver a forma gráfica, não consegue formar uma imagem mental. O aluno não sabe dizer o que está escrito no que vê, porém “vendo outro vê-lo, animar-se-a pela intuição: *‘O que o homem faz o homem pode*

fazer’, e esta confiança na própria capacidade é um primeiro passo para o corte do nó gordio da leitura.” (KÖPKE, 1896, p.19)

Esses exercícios põem em jogo os elementos (palavra e sílaba) de assimilação, sobretudo pela ação consciente do aluno, a fim de que, gradativamente, com exercícios de comparação, esses elementos vão sendo aprendidos no seu todo para depois serem aprendidas as suas partes componentes; vai-se, assim, demonstrando praticamente ao aprendiz que o que vai ficando conhecido é a chave para o domínio da leitura e escrita, e ele, por iniciativa própria, pode conseguir.

Após essas explicações introdutórias, Köpke apresenta os três passos a serem desenvolvidos no primeiro conto, sugerindo a utilização do “porta-vocabulo” ou “lexicophoro”.¹⁸

Cada criança recebe o “porta-vocabulo”, onde o conto está escrito de forma tal, que cada palavra ocupe uma linha. Köpke sugere que o professor explique à criança que, quando movidos de cima para baixo, os botões do “porta-vocabulo” podem indicar isoladamente as palavras do conto.

Os três passos com o uso do “porta-vocabulo” a serem aplicados no primeiro conto são descritos a seguir.

O *1º passo da leitura* tem como objetivo que o aluno saiba ver a história que se encontra escrita na prancha mural do professor e no seu próprio “porta-vocabulo”. Ao pronunciar e apontar ao aluno a palavra escolhida, o professor solicita que este a aponte, com o auxílio do botão, em seu “porta-vocabulo”, num exercício de comparação (olha a palavra na prancha mural do professor e compara com a palavra que indicou no seu “porta-vocabulo”). Caso, por exemplo, o aluno aponte com o botão na palavra “cão” em vez de “Carlos”, que foi a palavra pronunciada pelo professor, este pode fazer indagações e orientar o aluno para que perceba a diferença entre as palavras.

O *2º passo da leitura* tem como objetivo exercitar o aluno para fazer coincidir a impressão acústica com a ótica. Neste passo, o professor apenas pronuncia a palavra, não mais a aponta, e, através do som, o aluno deve apontar, com o auxílio do botão, a palavra escrita; o processo percorrido pelo aluno é semelhante ao do ditado, atividade em que o professor pronuncia a palavra, e o aluno, pelo som, deve representar a forma gráfica e escrevê-la. Neste passo, portanto, o professor pode ensinar a escrita, entendida, nesse momento, como cópia dos

¹⁸ Trata-se de “uma lousa, em que foram abertos três sulcos, de modo a deixar correr de cima abaixo três indicadores, que o alumno pode collocar diante das palavras do conto, escriptas em columnas parallelamente.” (KÖPKE, 1896, p.20)

vocábulos; Köpke esclarece, no entanto, que esse tipo de cópia deve ser inteligente, isso é, uma cópia em que o aluno registre conscientemente a idéia.

O 3º *passo da leitura* tem como objetivo que o aluno saiba ler, pois entende o que vê, forma mentalmente a imagem que a palavra sugere e a soletra; o professor apenas aponta a palavra, não mais a pronuncia, e o aluno, através da forma gráfica, deve sugerir o som e, assim, formar mentalmente a imagem. Ao final deste 3º passo, o aluno:

Reproduz o conto escripto, que leu; sabe lê-lo como está escripto e em qualquer estrutura, em que se apresente, lê cada uma das palavras, que o compõem, de per si e nas sentenças, em que as combinem; e escreve; por fim, todos os seus elementos, podendo synthetisal-os em novas sentenças. (KÖPKE, 1896, p.21)

Na leitura do segundo conto repetem-se os três passos acima descritos e se acrescentam mais dois passos, considerados “[...] necessários, porque tratamos também de ensinar a escrever” (KÖPKE, 1896, p.22).

O 4º *passo da leitura* tem como objetivo que o aluno saiba ler realmente e saiba realizar a composição de novas palavras. O professor apresenta um quadro mural, onde as palavras do conto estão escritas em ordem alfabética e fonética, aponta uma palavra e solicita que o aluno leia realmente, ou seja, o aluno deve pronunciar a palavra e dizer qual é seu sentido.

O professor ensina primeiramente as “palavras reais” uma a uma, a fim de decompô-las em sílabas e letras. Solicita ao aluno que emita cada palavra lentamente, a fim de proporcionar ao aluno a “intuição dos phonemas e das syllabas” (KÖPKE, 1896, p.22). Feito isso, o professor escreve a palavra em estudo, colorindo cada sílaba de uma cor, a fim de destacar as sílabas e fixá-las pela impressão visual. Quando o aluno lê a palavra, percebe que a cada cor corresponde uma sílaba, ou, segundo Köpke, a uma emissão ou abertura de boca. Em outro exercício, a fim de levar o aluno a perceber a sílaba, deve ser solicitado que ele leia o que está destacado com determinada cor — uma das sílabas —, calando as demais. A decomposição das palavras em sílabas se faz por indução, através do auxílio da coloração, chegando à dedução do valor dos fonemas e grafemas. Caminhando pelo processo de indução, vai-se chegando à síntese por esforço mental graduado do aluno.

Da analyse para a synthese, repitamos, entretanto, prosseguindo, é a lei do nosso processo. Os exercícios seguidos foram exercendo a inducção do alumno; por ella seu espirito chegou à deducção da voz dos phonemas, e a pratica no manejo d’estes, de valor para a escripta, sobretudo, elle a veiu

adquirindo pela prompta decomposição dos vocábulos lidos, que o habilita à prompta composição dos desconhecidos. (KÖPKE, 1896, p.25)

A partir desses exercícios, o aluno estará habilitado a formar novas palavras com as sílabas conhecidas

O 5º passo da leitura tem como objetivo realizar a síntese, complementando o 4º passo. No quadro mural do professor há palavras conhecidas pelo aluno, das quais foi suprimido o fonema inicial. O professor pega a varinha, em cuja extremidade está preso um fonema, coloca esse fonema no espaço onde houve a supressão e solicita que os alunos leiam a palavra que se formou.

Terminando o 5º passo, o aluno finaliza o que Köpke denomina de “[...] primeira fase da leitura e da escrita”, cujo objetivo é a leitura expressiva e cujas atividades devem contemplar os seguintes resultados:

[...] o alumno lê os contos; lê os vocábulos que o formam; individua os elementos de que constam; e combina esses elementos em novos vocábulos, escrevendo por copia e por dictado. (KÖPKE, 1896, p.23)

Após o término dessa fase da leitura, Köpke propõe que se passe para o livro de leitura, avançando-se, nos exercícios de síntese, para as primeiras tentativas de escrita espontânea.

2. 4 Considerações finais do conferencista

Ao final da exposição, Köpke reforça a expectativa exposta no início da conferência. E quanto à bibliografia didática para o ensino da leitura pelo método analítico, afirma que esta estava por ser criada e quem o faria seriam os práticos, ou seja, os mestres que ensinam a leitura e escrita. Por essa razão, critica os “[...] theorists, o philosopho da educação” (KÖPKE, 1896, p.24) e aceita propostas para melhorar o processo que expôs na conferência, mas não o método analítico, pois, para ele, não há nenhuma dúvida de sua eficiência.

Segundo Köpke, o tempo que a criança levará para atingir a prática da leitura e escrita de acordo com o método analítico dependerá de vários fatores, relativos: à criança, ao mestre e aos exercícios.

Köpke confessa que, mesmo o método analítico apresentando resultados significativos para as crianças, ele não apresenta resultados visíveis de imediato, como ocorre quando se utiliza o método de soletração, de acordo com o qual a criança pronuncia as letras,

porém não entende o que lê, e suas abstrações “[...] infernaram a aprendizagem de nossos antepassados e levaram à afirmação brutal do *“la letra con sangre entra”*.” (KÖPKE, 1896, p.30)

Defende também a idade média de sete anos como a ideal para se iniciar o ensino da leitura em classes homogêneas e ressalta que o “[...] alumno, posto, em idade avançada, entre menores, é uma irregularidade, de que não cogito, porque o mal está n’ella, e não no processo de ensino.” (KÖPKE, 1896, p.9-10)

Ao finalizar a conferência, Köpke relata o diálogo ocorrido na Escola Neutralidade, entre ele e o professor Antonio da Silva Jardim, a respeito de como Zizi, a filha mais velha de Köpke, havia aprendido a ler com tanta expressão. Aconselha, então, a todos os educadores presentes na conferência a abandonarem o método sintético em favor do analítico, porque, embora o método analítico seja mais trabalhoso para o mestre, é o mais agradável para os alunos e apresenta resultados significativos.

2. OS PRINCÍPIOS SUBJACENTES E OS IDEAIS REPUBLICANOS

Como se viu, nessa conferência, João Köpke defende contundentemente o método analítico e o modo de processuação por ele proposto, por um lado, em oposição aos métodos sintéticos, os quais ele mesmo havia utilizado e defendido quando da publicação de sua primeira cartilha e os quais abandonou, convencido da excelência do método analítico e sua adequação ao regime republicano recém-implantado, de que decorreram significativas reformas na instrução pública paulista.¹⁹

Por outro lado, o processo defendido por João Köpke diferencia-se dos demais processos defendidos por seus contemporâneos, em especial por professores paulistas responsáveis pela institucionalização do método analítico no estado de São Paulo. A principal diferença entre eles consiste no fato de que Köpke: defendia a necessidade de se iniciar o processo de ensino pelo conto (discurso) e não pela “historieta”²⁰, como propunham os paulistas; privilegiava a análise do conto que, por sua vez, deveria ser escolhido, não com a preocupação em manter o enfoque no ensino das sílabas e letras, mas em apresentar, por meio de gravuras e palavras correspondentes, idéias familiares que deveriam favorecer a aprendizagem da leitura e escrita e conduzir conscientemente à abstração (elementos da

¹⁹ A respeito dessas reformas, ver, dentre outros: Mortatti (2000), Monarcha (1999) e Reis Filho (1981)

²⁰ Segundo Mortatti (2000, p.124) historieta é “o conjunto de sentenças enunciadas [...] a partir do estímulo visual gerado pela observação e fixada pela memória, que mantém nexos lógico-gramaticais entre si.”

palavra: sílabas e letras); e propunha que o ensino tivesse como objetivo a leitura inteligente e expressiva, a qual exige uma compreensão do leitor no ato de ler e impede que o ensino seja iniciado pela sentença ou conjunto delas, como propunham os professores paulistas.

Para João Köpke, leitura e escrita são formas de linguagem, ou seja, de transmissão e aquisição de idéias. Enquanto nos métodos sintéticos concebe-se a escrita como a transcrição gráfica da linguagem oral e a leitura equivale a decodificar o escrito, não dando a importância ao significado, no método analítico, a escrita corresponde à forma gráfica da idéia e da fala. Para escrever, o aluno precisa ter consciência de cada elemento componente da palavra, sendo que é a combinação entre eles que dará o sentido.

A leitura equivale à emissão, pela fala, da forma gráfica discriminada/reconhecida pela visão e representativa da forma fônica, o sentido conhecido. Como se pode notar nas explicações de João Köpke, a aprendizagem da leitura, por sua vez, envolve a harmonia entre visão, audição e entendimento, a “consciência do grupo”, o que caracteriza a “leitura inteligente”, que significa ler o sentido, o todo, o discurso, que é a razão de ser da linguagem, e não a leitura mecânica, “[...] isto é, formando as palavras pela combinação das letras.” (KÖPKE, 1896, p.29-30).

O ensino da leitura e escrita deve, portanto, partir do todo — discurso sob a forma de conto —, onde se encontra o sentido global, para chegar às palavras e seus elementos.

[...] o ponto de partida para o ensino da leitura deve ser o TODO. Este TODO, mais do que a SENTENÇA, é a fala, a descrição, a narração, o DISCURSO, que a instruiu na língua em que entende e se faz entendida, e que, sob a forma de conto ou história escrita, se há de traduzir a seus olhos, dando-lhe o segredo da representação gráfica, em que entenda e se faça entendida.

Analítico, pois, será forçosamente o método desde que o TODO há de ser o ponto de partida, qualquer que seja o aprendiz; os processos, que todavia, puser em jogo, esses hão de combinar-se de modo a que olho, ouvido, boca e mão se exerçam conjuntamente em colaboração mútua para a conquista da perfeição automática, mercê da qual a fala escrita se faz para a inteligência, através da visão e da mão, o que para ela é a fala oral, através da audição e da boca. (KÖPKE, 1916, p.120)

Segundo Köpke (1896, p.31), os professores e educadores devem ainda repensar sobre o que, como, quando ensinar, e não quanto ensinar. Essa orientação, por sua vez, demanda a necessidade de o professor procurar conhecer as fases particulares da criança, a fim de organizar o ensino e os passos para despertar o interesse dos alunos.

Os princípios defendidos por João Köpke relacionam-se diretamente com o contexto educacional da época e com o regime republicano, cuja viabilização dependia, dentre

outros, da instrução do povo e da formação de leitores com uma certa moralidade, uma certa mentalidade, um certo corpo de condutas compatíveis com a vida republicana. Mais que letrado, o “homem novo” deveria estar preparado para a nova sociedade científica, moderna e urbana, em construção. À educação, nesse contexto, é destinado lugar de destaque;

Quanto mais solidamente é um povo instruído, tanto mais forte e produtor se torna. É preciso porém que a instrução prepare homens úteis, capazes de aumentar as forças progressivas do país e de fomentar em alto grau a sua riqueza. (PESTANA, 1890, apud REIS FILHO, 1981, p.34).

E, se a educação é responsável por esclarecer o povo e formar o novo cidadão leitor, é preciso escolher o melhor método, capaz de produzir o melhor cidadão republicano.

Em síntese, assim como outros republicanos da época, o educador João Köpke acreditava que seus ideais de instrução das massas populares e de luta contra o analfabetismo só seriam alcançados com a educação, e o método mais adequado para ensinar a ler e escrever era o analítico, que por sua vez, demandava professores bem preparados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme o que foi exposto até aqui, o pensamento de João Köpke sobre ensino de leitura e escrita fundamentava-se sobretudo na necessidade de se considerar o discurso, sob a forma do conto, como o todo e a unidade de sentido no processo inicial de leitura e escrita, em oposição tanto aos defensores do método sintético quanto aos defensores do método analítico “paulista”, os quais propunham o início desse ensino pela “historieta”. Tais constatações permitem que se considere João Köpke como um precursor em relação a esse ensino; seu pensamento sobre o ensino da leitura influenciou significativamente outros educadores de sua época e de décadas posteriores, no que se refere às propostas e práticas de alfabetização, especialmente em relação à necessidade de combater o analfabetismo e de atribuir ao ensino da leitura e escrita significado e eficiência.

Salvaguardadas, evidentemente, as devidas diferenças de contexto histórico e de perspectivas teóricas, as questões discutidas por de João Köpke vêm sendo objeto de reflexão e pesquisa por parte de estudiosos e pesquisadores envolvidos com a alfabetização. Apesar das muitas diferenças, é possível destacar algumas semelhanças que, por sua vez, permitem pensar na possibilidade de Köpke ter, de fato, sido um inovador para sua época ao propor que:

[...] leitura é cousa bem diferente da habilidade mechanica de que, na velha escola, se fazia o primeiro degrau...porque leitura, mais do que uma escada a subir, é um instrumento a manejar [...]

[...] porque ler é pensar, tanto quanto observar e ouvir o são e a leitura há-de contribuir para o desenvolvimento da faculdade de expressão, como um órgão, que é desta.

Si ler é pensar, o discurso e a palavra são a realidade para o que aprende, e do discurso e da palavra—não da syllaba, nem da letra, se há de subir á arte da leitura; si ler é provocar o desenvolvimento de expressão. (KÖPKE, 1904, p.589).

REFERÊNCIAS

AMOROSO LIMA, Alceu. *Memórias improvisadas* (diálogos com Medeiros Lima). Petrópolis: Vozes, 1973.

HARRIS, Theodore L.; HODGES, Richard E. (Org.) *Dicionário de alfabetização*. Tradução de Beatriz Végas-Faria. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

HILSDORFF, Maria Lúcia Spedo. *Francisco Rangel Pestana: jornalista, político, educador*. 1986. 343 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.

KÖPKE, João. *A leitura analytica* (Conferência feita a 1 de março de 1896, no Instituto Pedagógico Paulista). São Paulo: Typ. a vapor de Hennies Irmãos, 1896. 35p.

KÖPKE, João. O ensino da leitura pelo methodo analytic. *Revista do Brasil*, São Paulo, v.2, n.5, p.31-69, maio 1916.

KÖPKE, João. O ensino da leitura pelo método analítico. (Conferência realizada na Escola Normal da Praça da República, em 11 de maio de 1916). *Educação*, São Paulo, v. 33, n. 46/47, p. 115-152, jan./jun., 1945.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. Teste ABC e a fundação de uma tradição: alfabetização sob medida. In: MONARCHA, Carlos (Org.). *Lourenço Filho: outros aspectos*, mesma obra. Campinas: Mercado de Letras, 1997. p. 59-90.

METHODO de ensino. *Revista de Ensino*, São Paulo, v.5, n.3, p.25-28, dez. 1911.

MENESES, João Gualberto de Carvalho. Discurso de posse do acadêmico titular João Gualberto de Carvalho Meneses. *Boletim da Academia Paulista de Educação*, São Paulo, n.9, p.26-38, jan./jul. 1984.

MONARCHA, Carlos. *Escola Normal da Praça: o lado noturno das luzes*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1999.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Os sentidos da alfabetização* (São Paulo - 1876/1994). São Paulo: Ed. UNESP; Brasília: MEC, INEP, COMPED, 2000.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. João Köpke. In: FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque; BRITO, Jader Medeiros (Org.). *Dicionário de educadores no Brasil*. 2002, v.2. No prelo.

MOSCOSO, Tobias. Professor João Köpke. *Boletim da Associação Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v.2, p.1-7, set./out. 1926.

REIS FILHO, Casemiro dos. *A educação e a ilusão liberal*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1981.

RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. *A educação feminina durante o século XIX: o Colégio Florence de Campinas 1863-1889*. Campinas: Área de Publicações CMU, UNICAMP, 1996.

RIBEIRO, Neucinéia Rizzato. *Um estudo sobre "A leitura analítica" (1896), de João Köpke*. 2001. 66f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2001.

ARTIGO RECEBIDO EM 2002